- FICA FRIO, Uma Road Peça -
- MÁRIO BORTOLOTTO -

FICA FRIO - (Uma road peça)
AUTOR: MÁRIO BORTOLOTTO

BLACK OUT - (Som de gaita - blues)

D.J. : Você pode até estar pensando que tá em New Orleans. Não tá. São 4 da tarde e por incrível que pareça, você tá ouvindo a 06 FM de Londrina-Paraná. É, aquela cidade que então queriam transformar numa sub-nashville tupiniquim, mas como nós que gostamos mesmo é de beber no bar do outro lado da rua, não somos batatas e não gostamos de raízes, enfim, nós vamos fazer por enquanto o que quanto nos deixarem, ouvindo mesmo é Mr. Tom Dog Waits cantando uma canção que ele dedica a todos os garotos que em sua hora fugiram de casa, i"On the Nickel".

(Fora na E.A. - Um colchão e uma cadeira - Fernando entra - Tira a camisa, coloca um revólver pequeno na cadeira, tira o tênis e deita no colchão. Fora na D.B. - Maurício aparece, anda até a E.B. e de lá segue para a E.A. entrando assim no que seria o quarto onde Fernando está dormindo, sentando na cadeira e fica olhando Fernando por um tempo, depois fala alto para acordar o outro)

MAURÍCIO: Por aqui se dorme, hein? (Fernando acorda) Já vou te prevenindo, hein, Nando, eu não queria vir. Foi idéia do pai. Ele quer saber em que tipo de encrenca que você tá metido atualmente, e o pior, quer que eu tire você dela.

FERNANDO: Já concluiu o teu curso de direito?

MAURÍCIO: Passei no vestibular.

FERNANDO: Como é que você conseguiu as chaves?

MAURÍCIO: Não vai se dar os parabéns? Pelo menos dizer que foi legal muito passado no vestibular?

FERNANDO: Foi legal. Como é que você conseguiu as chaves?

MAURÍCIO: Do modo mais tradicional. Matando não do porteiro.

FERNANDO: Não dá pra confiar em mais ninguém.

MAURÍCIO: Você alugou um quarto numa pensão desse e queria o quê? Um porteiro incorruptível?

FERNANDO: Tudo bem. Na certa ele tava precisando de uns trocados pra cachaça das seis.

MAURÍCIO: E você ainda defende? O cara entrega a tua cabeça num bandejão e você ainda defende? É só fosse um dos meus trabalhos, é, porque você deve pra metade dessa cidade que eu sei. E se fosse a polícia? Nunca te encontrei uma única vez que você não tivesse envolvido com a polícia.

FERNANDO: Podia ser alguém querendo minha pele.

MAURÍCIO: Por quê? Não vai se dizer que... não, espera aí, corrente, vai... em que encrenca você tá metido? Pode dizer... eu tô preparado... vai, diz.

FERNANDO: Eu matei um cara. Pega meu tênis embaixo da cadeira.

MAURÍCIO: O quê? Repete rezo.

- FICA FRIO, Uma Road Peça -
- MARIO BORTOLOTTO -

FERNANDO: Pega o meu tênis branco de cadeira.

MAURÍCIO: Não. Repete o que você disse antes disso.

FERNANDO: Eu estei um cara.

MAURÍCIO: Meu Deus, o pai vai me matar por isso. Ele acha que eu tenho que cuidar de você, tudo o que você faz de errado é culpa minha. Ele se esquece, quer dizer, eu acho que ele se esquece, ou nunca se deu conta de que na verdade, cronologicamente, o cara sou eu. Você é apenas dez anos mais velho do que eu. Por que você fez isso? Tá, eu sei que é incontrolável, sei, eu sei, tanta coisa ruim pra você fazer, você tinha logo que matar um cara, uma pessoa, porque você não chutou um cachorro na rua, não passou um trote num velhinha solitária, sei lá, qualquer coisa assim que pudesse matar sem ser trabalho médico, essa sua mente perversa, porque você tinha logo que matar um cara? Nunca, isso não se faz.

FERNANDO: Fagram legal.

MAURÍCIO: O problema era dinheiro? Por que você não me telefonou? Eu te consegui tudo o dinheiro que você precisasse, eu pelo menos, sabe tudo, a quantia que eu liberei a mão, no momento, é clara, eu dava um jeito. O pai ia ficar tão contente em poder te ajudar.

FERNANDO: Foi divertido. Além do mais, o cara tava errado mesmo.

MAURÍCIO: Quem é você pra decidir quem tá e quem não tá errado mesmo? Deus?

FERNANDO: Você estudou em colégio de padres, não eu. Ivai salado.

MAURÍCIO: Onde você vai?

FERNANDO: Perdi o meu. O dinheiro acabou, precisa arranjar mais.

MAURÍCIO: Diz quanto você precisa, eu te coseigo, considera como um empréstimo, você paga quando puder. É claro., onde você vai? Tem um telefone neste posto? (Marcio dá um sorriso e sai Mando, espera aí, Mando. Meu Deus, cruzes vez o pai de meta, uma ruas Foca na E.U.A. O que você pretende fazer agora? O Mercedes ainda te pagando pra um nova peoeidia? Quem é que você vai matar? Quem é o primeiro da lista? A mãe Chantagg?

FERNANDO: Se eu fizesse isso, ela ia achar maravilhoso, ela acha tudo maravilhoso. Aquela joalheria parece fácil.

MAURÍCIO: Fácil? Parece fácil. É só aparência. É isso o que eles querem. Que você acredite que é fácil, mesmo que você pisar naquela lapela nem se alguém vai tocar lá na delegacia, em menos de quinze segundos, a polícia da cidade inteira vai estar em cima de você.

FERNANDO: Mando a polícia foi tão ofuscante como um fax em branco. Só isso com balaustrada.

MAURÍCIO: É só fachada. Deve haver uma dezena de viaturas a paisana rondando por aqui. Ninguém para botarem as mãos num tipo como você. Eu não gosto de cara daquele piranqueiro. Ele se parece suspeito. O que você se diz do piranqueiro? (Nando vai andando em direção a janelinha na D.D.) Meu Deus, ele tá indo assaltar a... janelinha... o pai de nós, dessa vez não tem perdão, ele se mata. (Corre até o orelhão da D.A.) Alô, pai? Eu encontrei ele, pai, ele tá nesse na cidade, só que dessa vez ele tá encrencado mesmo. Ele entrou na cara, pai, é isso mesmo, entrou na cara! Puxa, pai, o que eu podia fazer? O senhor quer falar com ele? Agora não dá, pai, ele tá... (grito de mulher) Meu Deus ele ainda tentou a mulher. Ele tá assaltando uma janelinha, pai. Depois eu ligo pro senhor. (Fernando sai correndo da loja com um saco na mão. Maurício vai ter com ele) Você violentou a mulher? Que foi que você fez? Por que ela gritou?

FERNANDO: Histérica.

MAURÍCIO: Meu Deus, o que eu tá fazendo? Tá conversando abigavelmente com o assaltante. Vou ser indiciado como cúmplice.

FERNANDO: Vamos cair fora daqui. Vamos pegar aquele carro. (Aponta para duas cadeiras na E.A.)

MAURÍCIO: Aquele carro? Mas aquele carro não é nosso.

FERNANDO: Você conhece o dono?

MAURÍCIO: De próximo herdeiro de empresa latifúndias e um vulgar indrizeiro de carro. Meu Deus, como se pode deixar tão baixo um aquela sociedade? (Barulho de sirene) Isso é um sirene. Onde é que tá o fantasma? Diz aí que é um sirene de bombeiro.

FERNANDO: Você nunca acreditou no que eu disse.

MAURÍCIO: É sempre tive motivo de sobra pra não acreditar.

FERNANDO: Ai, legal. (Consegue abrir) Vamos cair fora daqui. (Liga o rádio enquanto tenta ligação direta)

D.J. : (In off) É, a gente tá sempre de antenas em ponta, mas não tem erro, são 17:40 e você tá ouvindo a 98 FM de Lucrécia-Paraná. Não esqueça ganrota, no fundo, você sabe, você sempre pode correr pra ela. Entra na conurbatis de rua de entrada tipo "Key to the highway" com David Crowberg no mesmo microfo ao vivo. Nando consegue fazer a ligação e dar a partida. O rock é interrompido com o barulho de sirene da viatura da polícia.

MAURÍCIO: Isso é hora de ouvir música? Como é que você pode ouvir música com a polícia de grande Londrina perseguindo a gente?

FERNANDO: Os ian-uns viaturas ai atrás.

MAURÍCIO: E você sinta-se pouco? O que é que você queria? Uma perseguição cinematográfica? Helicópteros, barreiras no caminho? Meu Deus, eu não acredito, cometer um roubo de janelinha, de um carro e de um possível estupro sim, porque você estupro

- FICA FRIO, Uma Road Pera -
- MARIO BORTOLOTTO -

aquela mulher,. não aturou? Eu nunca vi uma mulher gritar daquele jeito, só no cinema, tá te fazendo, assim fal ue grita cinematográfico. Como pirra de estourar. Meu Deus, me contaram o que os outros detentos fazem com estupradores na cadeia. Eu sou virgem. (Nardo coloca a não fo joelho de Mauricio na hora de sudar a marcha) O que você tá fazendo? Virou incestuosa também no último mês? Era só o que faltava. O pai vai morrer quando souber disso. Ei, vai sair devagar.

FERNANDO: Você quer ir pra cadeia e virar bonecas, é?

MAURÍCIO: Pelo amor de Deus, cara, faz esse calhambeque pegar sair rápido. O que você tá fazendo?

FERNANDO: Tá saindo da estrada.

MAURÍCIO: Que você tá saindo na estrada eu tô vendo, eu tô vendo que você tá saindo da estrada, o que eu quero saber é por que você tá saindo na estrada?

FERNANDO: Tem uma praça de pedágio logo ali na frente.

MAURÍCIO: Como é que é?

FERNANDO: Se eu ficar na estrada, não vou conseguir desgraçar os tiras.

MAURÍCIO: Do jeito que você tá indo, vai conseguir desgraçar até você mesmo. (Bate a cabeça no teto do carro)

FERNANDO: Coloca o cinto.

MAURÍCIO: Que cinto? Não tem cinto. Agora que eu fui notar. Meu Deus, você rouba um carro sem cinto de segurança.

FERNANDO: Roubou o dono, né?

MAURÍCIO: Não é. Olha? Se não pegarem a gente ainda vai ter que responder pelo roubo. Se estamos dirigindo um carro mal roubado. Olha a árvore. (Nardo desvia. Mauricio bunda. Seja respira aliviado) Meu Deus. (Nardo para) Você acha que a gente conseguiu?

FERNANDO: Não-tua.

MAURÍCIO: Olha, então escuta a gente já pode voltar pra estrada. (Nardo sai da terra) Ei, onde você tá indo?

FERNANDO: Você volta pra estrada, mas a pé, se você voltar nesse carro, os tiras tá ganhas, se você voltar a pé, talvez eles não te reconheçam.

MAURÍCIO: Talvez, você diz, talvez, você sabe, havia centenas de pessoas no local.

FERNANDO: O local teve praticamente deserto. (Dá andada)

MAURÍCIO: Onde você vai?

FERNANDO: Eu vou mar.

MAURÍCIO: Eu vou com você. Não, Nardo, é o seguinte, se eu voltar a polícia me prende, o piquenique na vila, ela pode me identificar. Nesse momento já deve haver um retrato falado meu na todas as delegacias das redondezas com um gordo retangular pela minha cabeça. Eu não posso ser preso, você sabe, eu sofro de claustrofobia. Sei, ainda não está com estágio avançado mas pode se agravar com um sobrevivente cruel como esse, eu posso ficar louco e ai, na polícia convivendo com o meu dever, (Espanta o

trabalho deles, é claro, eu não ou culpo, vão acabar ou indiciando por assalto, por roubo de carro além do tudo mais envolvido, você viu, não tem nem direito de segurança, vão se condenar por estupro e eu sei, tenho razão mulher, mas você sabe, ela pode dizer que eu participei do bandido ato, é compreensível, um trauma recente, ela deve estar toda assustada, sim, porque você estupro aquela mulher, simplesmente se tira de cabeça que você estupro aquela mulher, sabe? do ponto essas de tempo que você passou naquela penitenciária, sabe como eu não entendo muito de assunto, acredito que você deve ter desenvolvido algum método de estupro ratimango, eu não sei, o que eu sei é que eu nunca havia visto uma mulher gritar daquele jeito, aí eu vou pra cadeia, preso como estuprador, além de outras coisas, eu, um estuprador virgem, aí os policiais também eles, revoltados com o bestial ato que eu aparentemente pratiquei, contam para os outros detentos que eu estupro aquela garota, aquela doce e singela balconista e aí o que acontece? Bem, você sabe o que acontece com estuprador na cadeia. Meu Deus, eu me alijo todo só de pensar nisso, aí a nossa familia fica sabendo, Eu, a vergonha da familia, preso, ultrajado, navicidado. E não vai ter um aborto, você sabe, ele tem problemas cardíacos, nada de emoções fortes com ele, é fatal, o meu pai não vai fazer greve de fome, você sabe, ele para de comer, ele adoece quando eu demoro mais que dois dias para voltar pra casa, é. Os animaizinhos, bem, eles tão que sabem, billinde diferente cuspe de perceber quando o Dono está na apuros, ele vai morrer, Mando, é verdade. O pai? Bem, o pai vai ou visitar, aí quando estiver mais aliviado, eu estiver mais próximo dele, na primeira oportunidade ele ou entrangula o você sabe por quê? Você faz idéia? Porque eu deixei você usando, porque eu não fiquei. Eu não pra cuidar de você, não, obrigado. Mando, eu sei que você tem as melhores intenções para comigo, sem não. Eu fico. Não fiquemos juntos até o fim.

FERNANDO: Tá legal. Vamos pegar o trem.

MAURICIO: Trem?

FERNANDO: É, tem uma linha de trem aqui perto.

MAURICIO: Sei, eu entendi. Vocabulário mais liberado o seu, hein? Você quer dizer que há uma acompanhante ferroviária aqui perto.

FERNANDO: Não, não tem nenhuma estação. Só a linha.

MAURICIO: Só a linha? E do que isso nos adianta?

FERNANDO: O trem passa por ela. Você sabe, uma ferrovia, é por onde os trens passam.

FERNANDO: Ou sente-se. Eles passam, eu sei que eles passam, mas eles não param.

FERNANDO: Não.

MAURÍCIO: E se eles não param, como é que não vamos conseguir entrar? Não há como entrar em um trem em movimento.

FERNANDO: Quem disse que não?

MAURÍCIO: Ora, espera aí, você não tá querendo dizer que...

FERNANDO: Hum-hum.

MAURÍCIO: Meu Deus. (Descem do palco) Você tem certeza que não existe nenhum outro meio de transporte que a gente possa embarcar de maneira mais segura?

FERNANDO: A gente pode sequestrar um avião.

MAURÍCIO: Você seria bem capaz disso.

FERNANDO: Lá vem ele.

(Barulhos de trem. Recurso de luz para simular a aproximação do trem)

MAURÍCIO: Meu Deus.

(Os dois correm pra pegar o trem. Nando pula sentado do palco e é como se estivesse pulando em um vagão. Maurício continua correndo)

FERNANDO: Vai, cara, corre.

MAURÍCIO: (Segurando na balaca) Eu tá correndo, que você acha que eu tá fazendo?

FERNANDO: Segura a minha aí.

MAURÍCIO: (Depois de ser puxado pra cima do palco) Puxa. Puxa. Puxa.

FERNANDO: Porra, você devia perder uns quilinhos.

MAURÍCIO: (Ofendido) Você sabe como é a alimentação lá em casa. Farta. A mãe faz questão de que todos sejam muito bem alimentados, ela dá muito valor pra questão alimentícia, modelo americano, breakfast e tudo o mais, todos muito gordo e muito saudável. Meu Deus, eu tô com um fome.

FERNANDO: Pode esperar por um tempo. Só quando a gente descer.

MAURÍCIO: Pra onde a gente vai?

FERNANDO: Você pode ir até a locomotiva e perguntar pro maquinista.

MAURÍCIO: Eu sempre fui fascinado por futuros incertos. (Nando nem dá bola) Não deixa saudade! E então? Qual é o próximo passo de nossa fuga alucinada?

FERNANDO: Você tá se divertindo, bem?

MAURÍCIO: Você chama isso de diversão? Eu me diverti com um bom copo de frango assado, com um bom banho de banheira, com um cigarro e fascinante jogo de cartas ou decorando leis de nossa nova constituição, assistindo pela quadragésima vez "Justiça para todos" com Al Pacino ou ainda com um delicioso disco de Julio Iglesias. Se você considera esses abomináveis momentos que passamos juntos como diversão, ok, está muito, mesmo, não tenho conceitos completamente diferentes do que seja diversão.

FERNANDO: Bom, a gente tem que transformar isso aqui em diversão.

MAURÍCIO: Você pretende encontrar um recepcionador, eu entendo. E depois?

FERNANDO: A gente vai comprar quilos e quilos de cursos e ficar doidão.

MAURÍCIO: Não me meta nisso. Não quero ser nem envolvido com o uso de substâncias tóxicas.

FERNANDO: Brincadeira, eu parei com a coca.

MAURÍCIO: É mesmo? Puxa. Legal. Fico satisfeito.

FERNANDO: Agora só heroína.

MAURÍCIO: Você tá brincando. Não, o que não dá mesmo, pelo amor de Deus, quando o pai souber, ele vai tomar cicuta. A mãe vai ter um trilho extra. Você sabe, os problemas cardíacos que ela tem, eu não consigo definir direito quais são, veja bem, medicina não é meu nunca foi minha especialidade, eu sei lá, posso ver sangue, não é? Diz pra ele que você tá brincando, deixa eu ver esse braço. Meu Deus, Nando, diz pra ele que você tá brincando.

FERNANDO: Eu tô brincando, eu sou careta. Sério. Só tomo um vinhozinho com uma certa constância ou uma cerveja, mas nada de drogas.

MAURÍCIO: Eu não acredito em você.

FERNANDO: Você nunca acreditou.

MAURÍCIO: Você nunca me inspirou confiança.

FERNANDO: Nem você. Você sempre entregava pro pai onde eu tava.

MAURÍCIO: Com vida cosmopolitas. Você sempre achava que não cosmopolitas, sempre cumpria com o seu dever filial.

FERNANDO: Sem ressentimentos, tinha um brilhante para Maurício! Tose aí, leva a Beth na igreja.

MAURÍCIO: Ai, meu Deus, a Beth, eu ia me casar com ela, sabia, é claro, desde há muitos anos quando eu já estivesse formado com o diploma de direito devidamente emoldurado na sala lá de casa, mas nesse longo prazo a gente já havia decidido contrair matrimônio.

FERNANDO: Meus parabéns.

MAURÍCIO: Como parabéns? Parabéns pra quê? Parabéns pra quê? Meu casamento desmoronou. Todo um projeto de vida, tudo foi por água abaixo, casamento, filhos, carreira, tudo. O que eu sonhei, me tudo a minha vida, todos os meus sonhos. Eu sou um fugitivo da polícia, um delinquente, um inimigo público. Um fugitivo da polícia não pode casar.

FERNANDO: Quer dizer que não?

MAURÍCIO: Que tipo de vida você acha que eu posso oferecer a uma mulher?

FERNANDO: Maníaca. Muito sensível.

MAURÍCIO: Meu Deus. Será que a Beth ainda há de me perdoar um dia?

FERNANDO: E o pior é que pelo jeito vocês nem treparam, né?

MAURÍCIO: Ela bem que queria. Uma noite chegou a me propor, sabe, bem, você sabe, bem... eu disse não.

- FICA FRIO, Uma Road Pera -
- MÁRIO BORTOLOTTO -

FERNANDO: Você o que?
MAURÍCIO: Eu disse não, o que seria eu poderia fazer?
FERNANDO: É doença o pai dizia que o louco era eu.
MAURÍCIO: Eu sempre fui um cara paciente, tudo tem sua hora e seu lugar. Eu sei que você deve tá se achando um lixo ultrapassado, com idéias retrógradas, conservadoras, moralistas, mas eu sou assim, eu tenho problemas. Eu sempre achei que o momento certo pra se cometer tudo seria em nossa lua de mel.
FERNANDO: Eu não acredito que um garoto de dezoito anos ainda possa pensar assim como você. Porra, Maurício, lua de mel não é pra começar nada, é só uma convenção-inicio que vem junto com o casamento, vem de brinde. Não é pra começar nada, é pra dar continuidade.
MAURÍCIO: Você nem perguntou como é que tá o pai?
MAURÍCIO: (Eco) Como é que tá o mal?
MAURÍCIO: Você perguntou o que? Você pediu alguma coisa? Pra eu tá passar a batatinha? A gente não tá comendo, eu tá morrendo de fome, mas a gente não tem o que comer aqui nesse vagão de trem, né? Cara, você não liga a mínima pro pai, né? Meu Deus, o pai só fala de você, o pai só vive por você, é como se fosse uma obsessão, uma coisa doentia, eu morro de inveja. É não pra, é não gosta igual, dá pra sentir isso, ele chora muito porque você foi embora, mas eu sei que ele pensa de mim do mesmo jeito. Deve estar chorando por minha causa também, mas o pai não, o pai tá pensando em você, ele deve lembrar de mim e pensar assim: "É aquele moralista do meu filho escola que não se liga pra se dar notícias do Fernando, o coloque é tão incomodante que não consegue nem convencer o irmão a voltar pra casa." Ele só deve se lembrar de mim pra pensar esse tipo de coisa. Eu sinto mal de perto dele, sou mais fiel que uma sombra, longe o que eu me ponho, eu fiz o ato, nada. Eu sempre ficava ali, do lado dele, esperando, não sei p. quê, quer dizer, eu sei...
FERNANDO: Você não sabe. É que eu fui saber, cara, o pai acha que eu sou o filho corajoso dele, o filho com culhão, o que foi embora, foi se meter em encrenca, foi dar a merda pra bastar. O pai é descendente de espanhol, é rancoroso nesses lances. Agora você não, ficou lá do lado dele, com a filha que de fora, enchera de trabalho. O pai sente o calor desprezo, você não sabe de nada, você foi todo errado. Se é assim do pai que você tá enfrentando, você tá fazendo tudo errado.
MAURÍCIO: Não é isso.
FERNANDO: Você não acredita?
MAURÍCIO: Não.
FERNANDO: Então tu é burro mesmo.

MAURÍCIO: Escuta aqui, Mando! Já faz tempo que eu tô convendo criar coragem pra te dizer uma coisa.

FERNANDO: Escuta. Teve uma cigana aí que leu a minha mão e disse que eu só vou viver no máximo oito anos depois. Não é tempo suficiente pra você criar coragem.

MAURÍCIO: Eu não sou tão... bundão como você imagina que eu sou.

FERNANDO: Bundão? Porra, tá progredindo, heim, mano? Já tá até aprendendo o vocabulário da tua geração. Por que você não durme, heim? Pelo que eu constato, você deve ter tido o dia mais agitado da tua vida.

MAURÍCIO: E, não tenho culpa, será que ele não entende que não tenho culpa?

FERNANDO: Porra, Maurício, não vai começar a chorar, viu? A mãe não tá aqui pra te consolar, eu sou péssimo nesses lances.

MAURÍCIO: Eu não fiche nem oito anos quando você foi embora de vez. Você foi, porque quis, eu acho que você tinha um dever pra ir embora né? Acho como você deve ter me deixado pra não voltar, eu não sei, não sei. O que eu sei é que eu não tenho nada a ver com isso, alguém tem que falar isso pra ele, ele fica lá se olhando fixo como se estivesse me perguntando . "O que você tá fazendo aqui? Por que você não foi no lugar dela?" A mãe chora. A mãe chora todo dia. Você sumiu longe há tanto tempo continua polarizando tudo tá em casa. Eu não sou quase nada, só uma sombra enjeitada.

FERNANDO: Porra, tu não disse que a mãe gosta de você?

MAURÍCIO: Você nunca escreveu, né?

FERNANDO: Telefonei a uns meses.

MAURÍCIO: E desligou quando a mãe teve falando.

FERNANDO: Teve chorando.

MAURÍCIO: E chorou mais ainda, chorou a noite de noite. Você não falou com o pai, nem escreveu. Meu Deus, Mando, o pai lá transformou um carro numa sua absurdamente colossal, ele lá emoldurou e pôs na parede da sala ao lado do diploma a você... você não se importa, né? É fica aí incredível, admirável, inabalável. Sabe o que eu acho? Que você não devia ter telefonado a não ser mais, você telefona, mas não devia ter telefonado, você não escreveu, tá certo, não devia nem ter escrito, você devia ter sumido. Mando, Você conseguiu arrasar com a minha vida nos oito anos e deu o naque-nate nessa noite. Espero que você esteja satisfeito.

FERNANDO: Porque você não dorme, heim, cara? Durma, cai.

D.J. : Fim de ano! Não 24 horas e você tá pulando a Ro FM do Londrina-Cascavel. Tá que noite estupidamente bonita, é uma noite legal se todas as pessoas estivessem felizes. Meu Deus deve ser um cara muito

FERNANDO: É isso aí.
(Mando vai pela E. Maurício fica na D.A. jogando fliperama. Nando volta e vai ter com Maurício, fica jogando também)
MAURÍCIO: E então? Como é que foi?
FERNANDO: Ele não pagou aos um terço do que valia.
MAURÍCIO: E nesse meio você fechou o negócio?
FERNANDO: A gente não podia ficar andando com aquelas coisinhas delinquentes por aí, podia? Além do mais eu nunca tive tino comercial. Toma aí. (Dá dinheiro para o irmão)
MAURÍCIO: Pra que isso?
FERNANDO: Pega um ônibus e volta pra casa.
MAURÍCIO: Você sabe que eu não posso.
FERNANDO: Eu não sei de nada. O que eu sei é que eu não posso ficar tá carregando por aí. Você tá destruindo energia.
MAURÍCIO: Eu não posso voltar com você. O pai não iá me perdoar.
FERNANDO: Tá, a gente faz o seguinte, vai aí num fotógrafo, num lugar-lugar, ou troca aí de foto instantânea e tira uma foto abraçados na cara, sorrindo, beleza? Que tal? Aí você leva a foto e mostra pro pai, ele vê que, eu tô legal, aí ele te dá a benção e você vai dormir em paz. O que é que você me diz disso?
MAURÍCIO: Você faz de conta que não entende. Ele não quer uma foto sua. Ele quer você.
FERNANDO: É. O pai anseia muito, né? Ele é o Caetano Veloso.
MAURÍCIO: Volta comigo, Nando. Vamos pra casa.
FERNANDO: Que casa, cara? Tá aí, você disse certo. Casa. Quando eu corria lá eu ficava lembrando do Bob Dylan cantando "It's not a home. It's a house". Aquilo ameaça fui uma casa. Nunca consegui ser nada do que isso.
MAURÍCIO: Por quê?
FERNANDO: Eu nasci em lugar errado, eu não devia ter nascido numa maternidade. Eu devia ter nascido num banco de táxi, num avião, num trem, em trânsito, em movimento, você entende? Eu morro de inveja do Neal Cassady, do Tom Waits. O filho da puta do Neal Cassady ainda conseguiu morrer no meio estilo. Encontraram o corpo dele ao lado de uma ferrovia. Vivem a toda.
MAURÍCIO: Se você voltasse, o pai ia morrer de felicidade.
FERNANDO: Se eu voltasse, eu iamos morrer... de tédio. Você deve achar o máximo ficar lá fazendo cargo-rinha, cerveja, aquelas piadinhas gordurosas, eu acho uma velhice.
MAURÍCIO: Você não sabe como... você não sabe o quanto... eu... me dói.
FERNANDO: Tudo bem. Eu te pago um drink. Sabe qual?
MAURÍCIO: Eu nunca sabi.
FERNANDO: É como eu disse lá pouco.
MAURÍCIO: Sempre lá sua primeira vez.

FERNANDO: É isso aí.
(Os dois saem. Luz vai diminuindo em resistência)
VOZ FEMININA EM OFF: Passageiros para São Paulo no carro das 19 horas. Última chamada para embarque. Queiram se apresentar na plataforma 33, à Estação Rodoviária de Ourinhos. Uma ótima viagem".
D.J.: É como dizia o santo Jack Kerouac: "Na estrada haverá garotas, visões e muito mais, na estrada algum dia, a pérola na areia será ofertada". O pervertido que você vai ouvir agora chama-se Jerry Lee Lewis e o que ele canta chamam de rock and roll. (Johny B. Good)
(Enquanto a música entra na sonoplastia, a luz vai subindo em resistência. Algumas cadeiras estão dispostas no palco simulando o interior de um ônibus. Maurício entra e senta-se em uma poltrona que daria para a janela, logo depois entra Nando e senta-se do lado dele. Maurício está com um pacote de balas)
MAURÍCIO: Será que a gente devia ir pra São Paulo? Eu fico na dúvida. Acho arriscado, afinal é uma grande centro, tem muita gente.
FERNANDO: É longe. (Pausa) Como é que tá o pai?
MAURÍCIO: Ficando velho.
FERNANDO: Acordou. (Maurício levanta) Ei, onde você vai?
MAURÍCIO: Ao toilette.
FERNANDO: O ônibus fica balançando. Você não vai conseguir mijar.
MAURÍCIO: Como é que... (Cuchichinho) Como é que você sabe que eu não consigo mijar com o ônibus balançando?
FERNANDO: Você não consegue mijar com alguém te olhando? Consegue?
MAURÍCIO: Não, eu tenho problemas.
FERNANDO: Eu podia jurar. Vem cá, você teve falando sério? Você se odeia mesmo?
MAURÍCIO: Claro, se dá só um motivo pra eu não odiar.
FERNANDO: Eu não te odeio.
MAURÍCIO: Você não tem nenhum motivo pra me odiar.
FERNANDO: Também não tenho nenhum motivo pra gostar de você.
MAURÍCIO: Você não gosta de mim.
FERNANDO: Me dá uma bala aí.
MAURÍCIO: Que história é essa de você gostar de mim?
FERNANDO: Dá teu de caramelo?
MAURÍCIO: Que história é essa de você gostar de mim?
FERNANDO: Porra, mas que merda. Quem disse que eu gosto de você?
MAURÍCIO: Você não gosta de ninguém.
FERNANDO: Gosta de bala de hortelã. Tem alguma aí?
MAURÍCIO: Só tem de caramelo. Não tá vendo?
FERNANDO: Que idéia mais idiota é essa de comprar só bala de caramelo? Como é que eu posso gostar de um irmão postal (gaia) - você nem consegue nem mijar de porta aberta e... tem fixação em bala de caramelo?
MAURÍCIO: Quem disse que eu tenho fixação em bala de caramelo? Eu nem gosto de bala de caramelo, ela grude

MAURICIO: nos dentes. É terrível. E eu fi sua minha escova dental aqui. Eu não gosto de bala de caramelo. Ela acaba bala de uva.

FERNANDO: Então por que você não comprou bala de uva? Por que você comprou essa porra dessa bala de caramelo?

MAURICIO: Porque não tinha bala de uva. Só tinha de caramelo.

FERNANDO: Vai querer me dizer que não tinha bala de hortelã? (Para alguém que aparentemente está do lado) é um absurdo nosso.

MAURICIO: Tinha, mas eu não gosto de bala de hortelã.

FERNANDO: Você também não gosta de bala de caramelo.

MAURICIO: Gosto menos ainda de bala de hortelã. Quer dizer então que você não gosta de mim?

FERNANDO: Vai cair a maior chuva.

MAURICIO: Quer dizer então que você não gosta de mim?

FERNANDO: Eu não disse isso.

MAURICIO: Também não disse que gosta.

FERNANDO: Eu não te odeio.

MAURICIO: Eu também não te odeio... Pronto.

FERNANDO: Daqui há uma meia hora o ônibus deve dar uma parada de uns quinze minutos. Aproveita pra... alimentar a bexiga. Apaga a luz e vai dormir.

(Apaga a luz)

MAURICIO: Nando.

FERNANDO: O que que é?

MAURICIO: Eu não sabia que você gostava de bala de hortelã.

FERNANDO: Mauricio.

MAURICIO: O que que é?

FERNANDO: Tá tudo bem.

D.J. : Vocês já ouviram a nova balada dos Falling Stones? Ela já foi gravada e já bateu de todos os tapes e cervos, que nunca deixou de ouvir, ou não compraram ainda. Se você passar a sentir uma vontade incontrolável de ouvir a cara, não se preocupe, isso é Marianne Feithfull, ("Hello Stranger")

(Enquanto a música entra, os conglomerados, a luz vai subindo devagarzinho de maneira bonita. Mando e Mauricio estão de costas pro platéia. Não há cadeiras. Mais no fundo, há apenas duas argolas, vindo do teto. Barulho de metrô. Da pista entra a Regina com argolas)

MAURICIO: O pessoal esse fala inglês.

FERNANDO: Inglês, francês, espanhol, japonês. São Paulo é uma cidade cosmopolita.

MAURICIO: Meu Deus, olha só aquele sujeito. Onde ele pensa que tá?

FERNANDO: No metrô.

MAURICIO: Ela deveria estar num hospício, dentro de uma camisa de força.

FERNANDO: Se tem alguém precisando de sedativo por aqui, é você. De ele morrasse um bisonho naquela porta, só ele fechava.

MAURÍCIO: Acho que eu fui um pouco injusto com você. Eu tava emocionalmente perturbado.

FERNANDO: Tá tudo bem. Eu também não sou legal. Vendi minha aurélia quando tinha cinco anos.

MAURÍCIO: O pai...

FERNANDO: Eu sei. Ele tá ficando velho. A pele também é o tio, é o vê morreu e eu tô ficando de cabelo branco e você tá aprendendo a andar, perna de aranha no peito, essa é o ciclo da vida. De esse cara surpresa...

VOZ EM OFF: Estação Liberdade.

(Entra há sacolinhas e uma de um bisqueiro sorrado numa barra. Mando sorri)

FERNANDO: Vamos embora.

(Os dois saem)

MAURÍCIO: Meu Deus, como tem japonês por aqui.

FERNANDO: É um bairro japonês.

MAURÍCIO: Ótimo. Adoro comida oriental e isso me faz lembrar que já estou há cinco horas em regime de jejum forçado. Nada me aproxima mais nesse momento do que a mágica visão de um sorridente mestre cuca de olhos puxados.

FERNANDO: Tudo o que eu quero agora é um bom banho e uma boa cama.

MAURÍCIO: Você tá querendo me dizer que pretende me privar de conhecer a encantada cozinha oriental de um bairro tipicamente oriental?

FERNANDO: Eu tô querendo dizer que eu tô me sentindo suja e com sono.

(Sobe pela C. Lost na C. (Focal é colocada uma cadeira. Mando senta. Maurício com outra voz. Ou não voz em off, ou atrás de outro ator, começa a fazer perguntas como se estivesse interrogando)

VOZ : Como é seu nome?

FERNANDO: Fernanda.

VOZ : Fernanda da que?

FERNANDO: Você sabe, de olhar minha identidade. Pra que tá perguntando isso?

VOZ : Você responde. Eu pergunto. Sobrenome.

FERNANDO: Nestor Araújo. Pumpum, né?

VOZ : Residência.

FERNANDO: Não.

VOZ : O que quer dizer com não?

FERNANDO: Não tenho residência fixa. Quartos de hotel, pensão, banco de automóvel, aquela, qualquer lugar.

VOZ : Drogas?

FERNANDO: Não.

VOZ : Nem se meia cumeia? Maconha, cocaína...

FERNANDO: Não.

VOZ : Maconha?

FERNANDO: Não.

VOZ : Sexo.

FERNANDO: Sexo?

VOZ : É, sexo, não tá me fazendo entender?

FERNANDO: O que você quer saber? Eu costumo mijar de porta aberta.

VOZ : É homossexual?

FERNANDO: Isso é um interrogatório ou uma entrevista pra Revista "Amiga"? Deixa eu ver a sua credencial.

VOZ : Responde de uma vez.

FERNANDO: Não sou não.

VOZ : Bissexual?

FERNANDO: Também não. Eu me contento com pouco.

VOZ : Mantém relações sexuais com frequência?

FERNANDO: Não me sinto tesão de detonar nenhuma evidência.

VOZ : Bebe?

FERNANDO: Bastante e espero continuar assim.

VOZ : Que tipo de bebida?

FERNANDO: Só whisky. Ficou. Chateau Chandon, Chateau Lacave, Alsaden, Chateau Duvalier... você deve tá de gozação. Geralmente o que eu bebo não tem rótulo.

VOZ : Religião. Tem alguma?

FERNANDO: Eu acredito na Malu Mader. Quando é que vai acabar essa palhaçada?

VOZ : Traz o outro.

FERNANDO: Deixa o seu irmão em paz. Ele não tem nada com isso. É só um garoto solteiro que acredita na tradição da família e na propriedade... (Mango sai. O Maurício senta-se na cadeira)

VOZ : Nome?

MAURÍCIO: Maurício Nestor Araújo.

VOZ : Toma drogas?

MAURÍCIO: De jeito nenhum, só eu resolver fumar, a mãe me mata. Nesse estado, não pensar, além de tudo eu tenho consciência do que é certo e do que é errado, eu passei no vestibular pra Direito, sabe. O uso de técnicas é uma contravenção penal. Eu só tomo injeção.

VOZ : Limite-se apenas a responder sucintamente as perguntas feitas.

MAURÍCIO: Sim, senhor. É o que eu estava tentando fazer, o que escolher é que eu não costumo me zoiar quando tratamos de dar minha opinião pessoal sobre assuntos pelos quais eu tenho opiniões tão avançadas como é o caso do palíatro assunto em questão.

VOZ : É homossexual ou bissexual?

MAURÍCIO: Devem anotar o senhor na construção, eu pensei bem minha experiência sexual pela inteira, esta transitória, digamos assim. Sei lá que poderia eu me aventurar em terreno tão... como eu posso dizer....

VOZ : Tem religião?

MAURÍCIO: Claro, claro. Todo o sinto vida é calcada em valores que provém da mais profunda fé religiosa. Ehhh...

VOZ : Tem alguma envolvimento político?

MAURICIO: Costumo assistir sempre o horário da T.R.E. com toda a atenção para assim poder ter um discernimento político mais aguçado no que se refere a...

VOZ : Calçado. Drogado. Bicha e comunista. Tudo corrompido. E se bater ainda é pobre metido a grã-fino. Deve ser tudo documento falso. Nestor Araújo para nenhuma. Deve ser um Da Silva qualquer. Prisão perpétua para ele. Pode recolher.

MAURICIO: Eu, espera aí, vocês estão cometendo um terrível engano, eu tenho direito a um advogado, eu tenho direito a um julgamento justo, eu conheço a lei, sou um profundo conhecedor da constituição, do código penal, vocês não podem fazer isso; é uma arbitrariedade.

(Dois enfermeiros da F.A. Mando e Maurício estão deitados nelas. Escuro.)

FERNANDO: (Gritando, desesperado) Deixa o garoto em paz, ele tá falando a verdade, porra, pode parecer gozação, mas ele é desse jeito mesmo, deixa ele em paz.

(A luz acende. Maurício acorda com Mando gritando)

MAURICIO: Que que foi, Mando? O que tá acontecendo? Pesadelo, é? Você deve ter comido alguma coisa que te fez mal.

FERNANDO: É, eu já comi algumas coisas que me fizeram mal, sim, sim... hoje não.

MAURICIO: Eu costumo ter alguns pesadelos horríveis lá em casa, com a mãe, eu sempre sonhava que ela me fechava dentro de uma lata de sardinha e me vendia pro super-mercado. Assim do nada, era horrível, eu acordava suando catarata; esses sonhos de pesadelos eram frequentes, havia outros, com aquele que eu sonhava com a Beth, eu sonhava que ela não gostava de mim e que havia se casado comigo apenas para herdar as empresas lucrativas da nossa família, no pesadelo não já estamos casados, com a Beth me detesta, mas me detesta tanto que toda vez que nós estamos na cama e eu tento cometer o ato, o ato, você entende? Pois então, quando eu tento cometer o ato, a vagina dela começa a se abrir, a se abrir, e eu sinto ela fica maior que aquela tunel lá do 9 de Julho, aí eu mergulho dentro dela, então subitamente ela fecha a vagina e eu só vejo, assim, de repente e eu fico lá trancado, dentro da útero dela e eu quero sair, então eu grito e digo eu quero sair daqui; eu quero sair daqui, eu eu tive que voltar para aquele útero que seja então o útero da mãe não, lá eu conheço, pesadelo nove mesmo, eu me sinto em casa, aqui ela não me ama, a Beth não me ama, apenas fica gargalhando sadicamente e dizendo: Agora eu sou a dona de todas as margarinas, as maionese, as iogurtes, eu sou a Lady Lattilacta Ltda.

FERNANDO: E aí? Você consegue sair?

MAURÍCIO: Aí eu lembro. No auge da minha aflição eu sempre acordo.

(Pausa)

FERNANDO: Tem alguém no corredor.

MAURÍCIO: Deve ser algum Bound Killer.

FERNANDO: De o que?

MAURÍCIO: Algum assassino de aluguel, caçador de recompensas. Algum sujeito frio e insensível disposto a cortar os pontos percebos em troca de um punhado de dólares.

FERNANDO: Dólares, é?

VOZ DE MULHER: (off) Ei, vocês dois, eu geralmente não me importo com as reclamações entrando e saindo dos meus hóspedes, desde que não atrapalhe o descanso dos meus outros hóspedes. Será que me fiz entender?

MAURÍCIO: O que ela está dizendo?

FERNANDO: Pra gente tomar um silêncio.

VOZ DE MULHER: (off) Durmam bem, crianças.

MAURÍCIO: Pelo amor de Deus, essa mulher está pensando que nós dois... nós que inspiração nós devemos. Há mesmo uma gente doentia é capaz de conceber tal aberração. Eu proponho que nos retiremos imediatamente desta pulgueiro em atitude de protesto.

FERNANDO: É, vamos sair da cidade.

MAURÍCIO: Da cidade? Mas não chegamos hoje na cidade.

FERNANDO: São cinco horas. Ok a gente se apressar, vai dar tempo.

MAURÍCIO: Tempo pra que?

FERNANDO: Eu conheço um posto de gasolina onde uns pé de cominheiros permanecem para dormir, tipo meio, sei lá, sei lá eles prosseguem viagem, ou pegam a estrada de volta pra nossa casa, a maioria esses cidades do interior realizam se a gente se apressar, a gente convence Carona com os dois.

MAURÍCIO: Mas por que toda essa pressa em sair de São Paulo?

FERNANDO: Pressa? A gente ficou um dia inteiro aqui. Já deu na cara, né?

(Saem. Pode rolar Bob Mac Ferrin ou semelhante, os dois vão até a C.B. que ficava o posto onde eles pretendem conseguir carona)

FERNANDO: (Para algum caminhoneiro) Tá indo pra onde?

CAMINHONEIRO: (Pode ser em off) Pra casa. A gente sempre volta pra casa.

FERNANDO: É, sempre.

CAMINHONEIRO: Não há nada melhor, não há nada melhor do que voltar para casa não é mesmo?

FERNANDO: É, dizem que é. A sua casa fica onde?

CAMINHONEIRO: Araçatuba.

FERNANDO: Ok pra levar a gente?

CAMINHONEIRO: Claro, vai ser legal. Vocês têm alguma carga?

FERNANDO: Não, nenhuma.

CAMINHONEIRO: Tudo bem. Eu tô.
(Um ponto de luz na D.A. Maurício vai até lá e fica sentado no chão sob a luz. Nando chega logo depois com um jornal e põe na frente dele)
MAURÍCIO: O que é isso aí?
FERNANDO: Aquela invenção do Gutemberg, lembra? Esse aí veio da Europa. Muito frio. Deio?
MAURÍCIO: (olhando para uma foto no jornal) Ei, esse cara parece com você.
FERNANDO: É o meu retrato falado.
MAURÍCIO: Puxa, até que não ficou mal, né?
FERNANDO: Não foi ruim. O meu nariz é maior.
MAURÍCIO: Meu Deus, essa é o meu retrato falado.
FERNANDO: Foi o que eu disse.
MAURÍCIO: Então quer dizer que...
FERNANDO: A garota da joalheria foi com a minha cara. Lembrou cada detalhe.
MAURÍCIO: A otária fala de cada cara, um rapaz gordo... gordo? Que otária é essa de gordo? Aquele pipoqueiro está precisando de um bom dentista, é isso que ele tá precisando. Além da cara dura ainda é mirim. Inesquecível.
FERNANDO: É só isso que eles tem. Não tem um descrição detalhada sua. Não sabem como você é. Há milhares de rapazes... com entrada de preço por aí.
MAURÍCIO: Eles te pegam e obrigam você a confessar.
FERNANDO: Eu entrego outro cara, alguém com a ficha sujo que a lista telefônica, alguém cansa de dar um bom cada de trabalho pra eles. Algum colega seu que vai até curtir a idéia de ter um assalto de joalheria no currículum.
MAURÍCIO: O que você quer dizer com isso?
FERNANDO: Que você não tem do que ter medo. Você pode voltar pra casa sossegado, pode voltar pra sua mergulhão.
MAURÍCIO: Você não entende. Se eles te prenderem, o pai morre.
FERNANDO: Eu sacou.
MAURÍCIO: Como é que é?
FERNANDO: Quase morto. Eu não ia conseguir ficar preso. Você sabe, eu só consigo viver em liberdade. Não dá pra viver de tornozelo dentro de uma cela de prisão, né?
MAURÍCIO: Eu vou ficar.
FERNANDO: Se eles te esperar comigo, não vão engolir a otária de que você tá no meu pé a fim de me esperar.
MAURÍCIO: Eu nunca tive nenhum motivo real pro pai se arquitar de mim.
FERNANDO: O pai é legal, cara. Você vai ficar mesmo?
MAURÍCIO: Vou.
FERNANDO: Não tá cara que eu posso dizer pra você mudar de idéia?
MAURÍCIO: Nada. Vai em inglês.

FERNANDO: Eu sinto muito. Toma aí. (Dá uns óculos escuros pra ele)

MAURÍCIO: Pra que isso?

FERNANDO: Pra você ficar meio cool. Tu sonja Santos? Vou te levar pra conhecer o porto. Putas maravilhosas.

MAURÍCIO: Você não acha que está... é... dando muita... ...ceira?

FERNANDO: Bandeira?

MAURÍCIO: É... drogado... usuário de substâncias ilícitas.

FERNANDO: Tem que ter muita boa vontade pra te confundir com um junkie.

(Nando sai pela E. Maurício fica. Logo depois Nando é jogado pra fora: cacete enclave de Maurício. Foi jogado pra fora do bar)

MAURÍCIO: Ei, você não pode fazer isso com eu. (não.

LEÃO DE CHÁCARA: (Pode ser em off) Quem é que disse que não, gordinho?

MAURÍCIO: Gordinho? Você disse gordinho?

LEÃO DE CHÁCARA: Foi o que eu disse, gordinho.

MAURÍCIO: Ora, vamos... isso... isso é desprezível, ignóbil...

FERNANDO: Ei, menina, fica frio, senão ele te acerta a nem Deus consegue colocar seu nariz de novo no lugar.

LEÃO DE CHÁCARA: Muito bem, gordinho, pega esse teu irmão sebido e sapertinho e vamos com ele daqui, caso contrário eu acerto os dois e eu garanto que se eu bater a são em vocês, nem a vossa senta não vai reconhecer o corpo no necrotério.

FERNANDO: Ele tá falando sério, a profissão desses caras é bater, eles vivem de dar porrada em sujeitos menos desenvolvidos como nós.

MAURÍCIO: Puxa, pensei que você fosse bom de briga.

FERNANDO: Eu sei. conheço um golpe. Nível, simples e eficiente.

MAURÍCIO: É mesmo? E qual é?

FERNANDO: Eu conto a cara do cara a mais correndo, derrapando dá certo. Na vezes o cara te acerta antes, quando isso acontece...

MAURÍCIO: O que você andou aprontando lá dentro pra deixar o cara tão zangado?

FERNANDO: A gente tava jogando... sabe... eu cheguei a ganhar dessa... isso não é bom.

MAURÍCIO: Eles ficaram com o dinheiro?

FERNANDO: Ainda me sobrou algum. eu conheço um bar nas duas. Eles tem um sapertinho com fundos. Os caras jogam pouquer...

MAURÍCIO: Não, pelo amor de Deus, Nando, outra vez não...

FERNANDO: Não, tudo bem, fica frio, os caras que jogam lá são uns gordos desdentes, bastanos, sai coragem levantar o traseiro da cadeira, as possibilidades de erro, com meu eficiente golpe "Estilo Shotokan" ainda são mínimas.

MAURÍCIO: Por que a gente não faz alguma outra coisa, como eu posso dizer, menos... perigosa?

FERNANDO: É, pode ser. Tira o revólver e vai saindo!

- FICA FRIO, Uma Road Peça -
- MARIO BORTOLOTTO -

MAURÍCIO: Ei, onde você vai?

FERNANDO: Tem que entrada pelos fundos, eu vou pegar meu dinheiro de volta.

MAURÍCIO: Você tá maluco, você não pode voltar lá. O cara vai ficar mais zangado ainda. Você viu o que ele disse que é capaz de fazer com a gente.

FERNANDO: Eu preciso daquele dinheiro. É que... você não sabe, mas... tem uma barriga em União dos Palmares com um filho meu dentro.

MAURÍCIO: Você está querendo me dizer que existe uma mulher grávida com um sobrinho meu dentro dela andando por aí?

FERNANDO: Por aí não. União dos Palmares fica em Alagoas.

MAURÍCIO: Como é que você teve a coragem de abandonar uma mulher grávida? Você então engravida e depois vai embora? Como é que você teve coragem?

FERNANDO: Coragem? Ei... brother... tá pensando o que? Que fabia é previlégio de carinhas gordinhos que prestam vestibular pra faculdade de Direito? Eu também tenho medo... pra caralho.

MAURÍCIO: De ser pai?

FERNANDO: De ser pai, de ser filho, de ser irmão. Você sabe, eu sou um caninhão de defeitos. Alguém nunca vai querer me crucificar por isso.

MAURÍCIO: Do que você tá falando?

FERNANDO: Você avança o sinal, fala coisas indevidas... em horas indevidas, discorda do que é sagrado, desafina a orquestra, nada no meio da raia e logo eles tratam de arrumar pra você uma cruz bem vistosa, eu acho, com pregaço pisca-pisca, é nesse que eles fazem.

MAURÍCIO: Pelo amor de Deus. Meninos. Eu tá falando da tua filha.

FERNANDO: Eu ainda volto pra ver ela. Eu só preciso superar esse medo, desvincular essa culpa do sentido de obrigação.

MAURÍCIO: Do que você tá falando? Droga? Tua perigosíssima é surda.

FERNANDO: Besteira, cara. Você se olha com esse olhar de... irmão e me dá medo... um puta medo.

MAURÍCIO: Muito medo?

FERNANDO: Me desculpa, eu acredito, aí eu acho você um garoto muito legal, um pouco... tabacudo... mas muito legal, de verdade que você tá falando menos? (Sai pra buscar o dinheiro)

(Maurício fica na rua esperando Nando voltar)

D.J.: Mas tá um frio mesmo, hein? Alguém precisa dar um jeito nesse ar condicionado. Eu tá congelando. É que a gente precisa é de uns mistos pra esquentar os ossos, corpos e corações. A gente precisa de um jazz. A gente precisa das vitrolas incandidrias de João Zorra...

FERNANDO: (Saindo correndo) Deu tudo errado, cara, corrida a correr. Fica tão vindo aí.

(Os dois saem correndo. Barulho de pneus atrás deles. Acende uma luz no centro do palco dividido e palco como se fosse um beco no fundo)

MAURÍCIO: Dessa vez não vai nos perdido mesmo. Eles vão pegar a gente, podem até reconhecer você como a cara do retrato falado, aí eles quebram a gente e depois chamam a polícia, a polícia vai colocar não dois atrás das grades, eu só tenho direito anos. Puxa. E se eles descobrirem que você também saiu na cara do Fernando, como é que fica?

FERNANDO: Eu não sabia ninguém.

MAURÍCIO: Como não? Você tinha em dito...

FERNANDO: Aluguel. O Filigoglesino Fachoeira que você teve pensando que o teu irmão era burro passou de um marginalzinho de quinta. Mas na profissão que eu escolhi, eu consegui fazer algo grande.

MAURÍCIO: E aquela mulher na poltrona? Você também não pertence? (Nando nega com a cabeça) Não mesmo? Puxa. Eu fiquei pensando que ela devesse omitido esse detalhe pra polícia. É que é humilhante, né? Ter mulher tua...

FERNANDO: Ela usava perfume Philipe Veneza e tinha uma pinta enorme na bochecha direita. Eu não suporto mulher que usa perfume Philipe Veneza e tem pinta enorme na bochecha direita. Ei, Ignácinho, eu fiquei dois minutos lá dentro, não dava nem pra dar um mijada. Bem na hora é o mesmo que pedir um aperitivo. Perde a dorgura e aí fica uma bosta.

MAURÍCIO: Puxa... puxa...

FERNANDO: Puxa...

MAURÍCIO E NANDO: (juntos) Oba...

FERNANDO: Eu escolhi um caminho, você escolheu outro...

MAURÍCIO: Mas tem um preço, né? Pra mim e pra você.

FERNANDO: É... não... até que não é uma regra. Você pode um belo dia, no pleno vigor da sua juventude, estar atravessando calma e distraidamente uma rua movimentada, na maior paz... assobiando "Satisfaction", aí subitamente aparece um caminhão das suas aparecendo infelizmente e te atropela. E aí? Por outro lado, eu ainda posso morrer bem velhinho cuidando a cara e trapaceando com dados curtindo um blues lá em New Orleans. Não é uma regra. É só um jogo. A gente não tem que aprelizar tudo que vê, todo mundo pode se dar mal num jogo.

MAURÍCIO: Puxa, eu tô pensando agora. O que é que eu vou fazer com o meu diploma de direito quando eu bater as botas? Infelizmente de familia? O que é que eu vou fazer com o meu diploma?

FERNANDO: Por que... você não entra ele no cê? Um dois riscos é um cavado, né? É bem apropriado pra essa ela. (Pausa) Ei... bizu.

MAURÍCIO: E... será que vai ficar tudo (pausa) comigo?

FERNANDO: Vai nada.

MAURÍCIO: E você?

- FICA FRIO, Uma Road Peça -
- MÁRIO BORTOLOTTO -

FERNANDO: Eu não me arrependo. De jeito nenhum.
MAURÍCIO: Tá. Então...
FERNANDO: Olha, se você tiver a fim de mijar, eu fico de costas.
MAURÍCIO: Não, sabe, quando eu chegar em casa, a primeira coisa que eu vou providenciar é... a operação da minha filhote.
FERNANDO: É bom. Atrapalha um bocado.
(Maurício coloca a mão pra Nando beber. Nando depois faz o mesmo)
FERNANDO: Vai fundo, cara.
MAURÍCIO: Eu vou. (Vai saindo)
FERNANDO: Ei, brother. Fica frio.
MAURÍCIO: Você também.
FERNANDO: Eu vou ficar.
(Maurício sai do beco, um foco acompanha ele. A luz do beco vai diminuindo em resistência até sumir. Enquanto isso ouve-se a voz do Disc-Jóquei)
D.J. : São 24 horas. E agora já é sexta-feira, o sábado que promete. Os bêbados estão bêbados, os sobreviventes estão encantoados de pizza e refrigerantes, as bocas estão cheias e eu tô aqui, morrendo de sede. Que tal cada um de vocês guardar um drink aí pra mim? Eu prometo não desapontar ninguém. É pra encerrar a programação de hoje, uma música pra nos introduzir com o maior pique nesse sábado de alto teor alcoólico que tá pintando... (A luz do beco já sumiu. Apenas o foco em Maurício. Barulho de trens. Nando cai sobre as latas de lixo) ... Mr. João Ricardo... (Entra na sonoplastia a música "Habitante da Guiné" dos Arcos e Malhados, "Arca" pão-Mel Matogrosso de 89 - Luz do beco volta. Nando está caído sobre as latas de lixo. Maurício vai embora)

Mário Bortolotto

Versão de 89

ESTA PEÇA SÓ PODERÁ SER REPRESENTADA, NO TODO OU EM PARTE, SEJA POR QUE PROCESSO FOR, MEDIANTE AUTORIZAÇÃO EXPRESSA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT).